

# O PANORAMA.

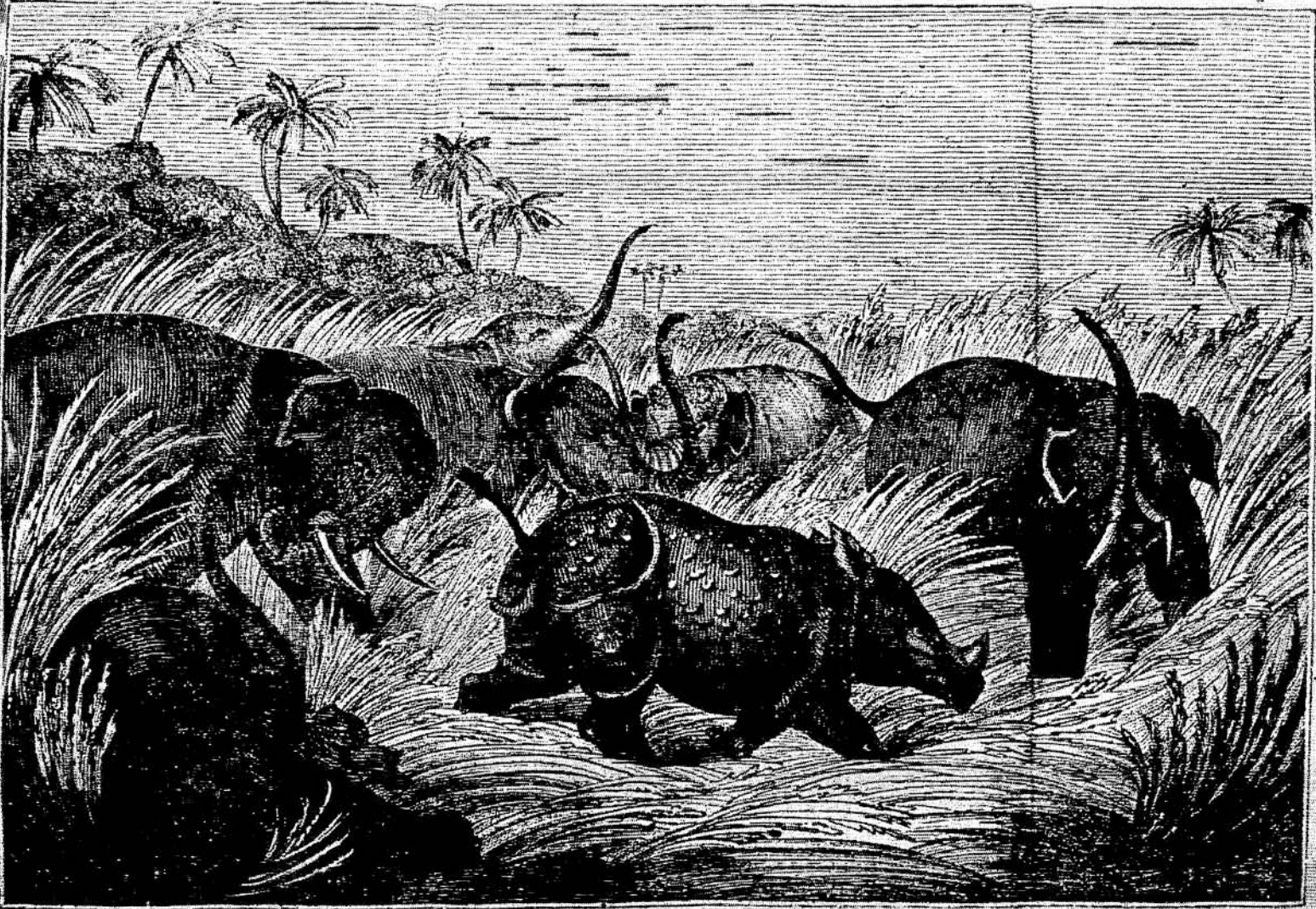
JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos N.º 11.

20.

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

SEPTEMBRO 18, 1837.



O RHINOCEROTE ATACADO.

## O RHINOCEROTE DA ASIA, OU ABADA.

*(Rhinoceros unicornis. Linn.)*

ABAIXO do elephante os maiores animaes quadrupedes são o hippopotamo, ou cavallo-marinho, e o rhinocerote. Este ultimo é o segundo em forças; mas de todos o menos intelligente: não recebeu da natureza senão o que ella communmente doua a todos os quadrupedes, é privado de sensibilidade na pelle, e de orgaos distinctos para o sentido do tacto, porque em vez da tromba do elephante, só tem um beico Inovel, em que tem toda a sua destreza.

É superior aos outros animaes unicamente pela força, pelo tamanho, e sobre tudo pela arma offensiva, que tem sobre o nariz, e que é privativa da sua especie; esta arma é um corno durissimo, solido em todo o comprimento, e mais vantajosamente situado que os dos animaes ruminantes; os destes só multiplam as partes superiores da cabeça e do pescoço, ao passo que o corno do rhinocerote defende todas as partes anteriores do focinho, e preserva a boca, queixadada, &c. de sorte que o tigre ataca mais depressa o elephante, porque se lhe pôde agarrar a tromba, do que o rhinocerote; a cuja cabeça não pôde filar-se, pelo risco de ser estripado, porque o corpo, e os membros deste são cobertos de uma capa impenetravel, e o animal não teme nem as garras do tigre ou do leão, nem o ferro ou fogo dos caçadores. A pelle é lisa, e de cor tirante a negro, como a do elephante, porém muito mais grossa e dura, pelo que não é o rhinocerote, como aquelle, sensivel ás ferroadas das moscas; não pôde tambem franzir, nem contrahir a pelle, que só faz umas grandes rugas no pescoço, nas espaldas, e na garupa, que facilitam os movimentos da cabeça e das pernas, de forma que parece armado de couraça. Tem a cabeça proporcionalmente mais comprida que o elephante, porém os olhos inda mais pequenos, e só os abre por metade. O queixo superior sobresaé ao inferior, e o beico de cima é moveligo, e pôde estender-se a seis ou sete pollegadas de comprido, e remata n'um appendice bicudo, que dá mais facilidade a este do que aos outros quadrupedes de colher a herva em feixes, como o elephante faz com a tromba: este beico musculoso, e flexivel, é uma especie de mão, ou tromba incompletissima, mas que não deixa de agarrar com força, e de palpar geitosamente. Em vez dos compridos dentes de marfim, que são as presas do elephante, tem o rhinocerote o seu rijo corno, e dois fortes dentes incisivos em cada queixo, que o elephante não tem. Traz sempre as orelhas direitas, que pela forma sehemelham ás de porco, com o qual se parece tambem na voz grunhidora, e em certas propensões, e habitos ferozes e estupidos. E pertencem ambos a mesma familia, que os naturalistas chamam dos pachidermes. E só nas orelhas que tem pellos, ou para melhor dizer, sedas, e tambem na extremidade da cauda tem, como o elephante, uma borla dellas grande, mui consistentes e rijas. As pernas são curtas e magras, com tres dedos com cascos nos pés e nas mãos. É unicamente vulneravel pela barriga, pelos olhos, e junto ás orelhas.

O rhinocerote, de que vamos fallando, é o da India Oriental, que tem um só corno fixo: ha outra especie no interior da Africa, descripta por Bruce, Le Vaillant, e outros (*Rhinoceros bicornis*), que tem dois cornos movels, situados um na extremidade, outro na raiz do nariz, sendo sempre este ultimo o mais curto; e não tem a pelle assim curugada como os da outra especie: comtudo parece que esta variedade não é só de clima, e que tambem na Asia já tem apparecido, ainda que raras, alguma dos bicornes.

Os Indios tem em grande preço o corno de rhinocerote, não tanto pela materia, inda que delle fazem varias peças ao torno, como pelas propriedades medicinaes, que lhe attribuem: e não só o corno, mas todas as outras partes do corpo, e até os excrementos, elles reputam como antidotos de toda a causa de venenos, e como remedios para muitas enfermidades. Ha toda a probabilidade de que essas virtudes são imaginarias, e quantas coisas não ha cá pela Europa, com o mesmo alinco procuradas e estimadas, e que não tem outro valor senão o que lhes dá a opinião? . . .

Posto que o rhinocerote não seja carniceiro, nem extremamente fero, comtudo é intractavel: e o mesmo em ponto grande que é o porco em ponto pequeno, sem intelligencia, sem sentimento, e sem docilidade. Tambem, como o porco, é propenso a chafurdar e revolver-se no lodo: gosta dos sitios humidos e pantanosos, e nunca larga as margens dos rios caudalosos. Sustenta-se d'hervas grosseiras, de cardos, d'arborescospinhosos; e prefere estes alimentos agrestes á terra pastagem das mais apraziveis campinas: gosta muito das cannas d'assucar, e tambem come toda a casta de grão. Como não é carnívoro não inquietta os animaes pequenos; tão pouco se teme dos grandes, e até o tigre se não atreve a accommette-lo.

O rhinocerote raras vezes é o aggressor; mas se o perseguem perde o timo, cáe em accessos de tematada ferocidade, e derriba arvores e quanto se lhe pôe diante. Kolbe, escriptor acreditado, diz na sua descripção do Cabo da Boa-Esperança que o rhinocerote d' Africa só ataca os homens sendo provocado, ou vendo-os vestidos de encarnado; mas que não é difficil escapar-lhe porque só vê adiante de si, e ainda que seja ligeiro, como a colera o cega, e vai de corrida, e deixa-lo chegar perto a dez ou doze passos, e arredar-se o homem para o lado, porque elle passa furioso sem o ver, continuando na carreira. Kolbe affirmo que por vezes assim lhe acontecia.

Raras vezes acontecem combates entre rhinocerotes e elephantes, porque tem poucas occasiões de se encontrarem, e menos motivos de dissensão; mas quando chega a haver conflicto é reahido e terrivel. Um só rhinocerote disputa e sustenta o terreno contra muitos elephantes, e ainda que fique vencido sempre deixa estrados dois ou tres elephantes, porque aproveitando-se da circumstancia de ter as pernas extremamente curtas em comparação daquelles, lhe pôde vibrar cornadas por baixo do ventre, e rasgar do-lho, os estripa e acaba: o elephante por sua parte o investe com as presas, e se o inimigo erra o pôde o corno e a espada de baixo do peso enfiar no corpo. Este facto por alguns tem sido contestado, certo é que Plinio falla destes combates entre dois animaes destas diferentes especies, como um dos espectaculos do circo de Roma.

Os rhinocerotes são menos numerosos, e menos espalhados, que os elephantes, nem como estes andam em bandos; são mais solitarios, esquivos, e bravos. As femeas parem um de cada parto, e os tem em intervallos consideraveis. São difficils de caçar; tem uma pelle durissima, onde não entra ferro d'espada ou lanca, e que até resiste ás balas de mosquetaria. Os caçadores, como sabem que elle procura os sitios pantanosos, o espreitam quando se acolhe a estes charcos, cobertos nas Indias de bastos juncaes, e escondendo-se entre as montas da parte contraria ao vento, porque o animal tem mui atilado olfacto, aguarda que se deite para dormir, ou espojar-se, e então lhe disparam sobre os sitios vulneraveis das orelhas, da barriga, e assim conseguem mata-lo. Este animal só é util depois de morto, e util só para os Indios, que lhe comem a carne, e lhe aproveitam o corno.

outras partes para seus remedios. Do couro, que é ríssimo e impenetravel, fabricam algumas obras grossas e de muita duração. Além isto lucraram também em o matar por causa do immenso estrago, que faz nos arbustos dos prados e nas plantações da canna assucarera, quando lhe póde chegar.

Os antigos difundiram muitas fabulas fundadas na existencia deste animal, contando que havia uma fera chamada unicornio, que tinha uma hastea na frente, a qual era singular preservativo de todo o veneno, e que deitada qualquer porção de peçonha em um copo fabricado daquelle osso, começava instantaneamente a ferver, manifestando a sua virulencia: que era tal a virtude daquelle animal, que estando todas as demais feras dos desertos a roda de um charco envenenado pelos reptis, ou plantas damnosas, não ousavam beber em quanto elle não chegasse, e mergulhasse o corno dentro n'agua para a purificar. Estas e outras semelhantes-patruhas vogaram em quanto os factos da-historia da natureza não foram pesquisados e averiguados. Mas como póde ser que alguém tenha ouvido e acreditado estes contos de velhas, por isso aqui delles fizemos menção. Aquelle animal é por certo o rhinoceros, e as singulares virtudes alexipharmacas do corno nasceram talvez da credula superstição dos Indios, que usam d'elle como de triaga universal, conforme dissemos.

#### PRIMEIROS REIS PORTUGUEZES — ANTIGAS DISSENSÕES COM ROMA.

### III

Morto D. Sancho (em 1248) tomou seu irmão o titulo de rei. Era D. Affonso conde de Bolonha ou Altamira, cidade da Picardia, cujo senhorio lhe vieram da condessa Mathilde, com quem casara, andando em França como simples cavalleiro. Quando os inimigos de D. Sancho offereceram a D. Affonso a regencia do reino, fizeram-lhe assignar um papel, a que sem duvida podemos chamar infame, no qual elle se obrigava por juramento a ser um mero executor da vontade do clero. Subindo ao throno cumpriu as promessas feitas, e a influencia dos ecclesiasticos foi desmedida no começo do seu reinado, pelo que é muito gabado dos nossos antigos historiadores. Passado pouco tempo D. Affonso repudiou a condessa Mathilde, que deixara em França, e desposou-se com D. Beatriz, filha bastarda de Affonso, rei de Castella, chamado o sabio. Dizem que a condessa, vindo a Portugal e sendo mal recebida de seu marido, voltara para França, donde, por parentes e amigos alcançou do papa que se oppozesse ao casamento criminoso de D. Beatriz. Com effeito o pontífice fulminou censuras contra elrei, mas o clero portuguez, que estava satisfeito com a valia que alcançara, e que não via no procedimento do principe senão uma pequena immoralidade, e a prova de um caracter ingrato, riu com elle dos raios de Roma. Até a morte de Mathilde viveu tranquillo D. Affonso com a sua nova esposa, legitimando o papa, depois deste successo, aquella união criminosa, a pedido do arcebispo de Braga e de outros prelados, e mediante uma somma avultada, exigida em attenção á gravidade do peccado.

No começo do reinado de D. Affonso estava Portugal desinçado de Mouros, salvo no Algarve, onde ainda lhes eram sujeitas Faro e outras povoações. Já no tempo de D. Sancho 1.º os Portuguezes haviam conquistado uma parte desta provincia; mas tomaram brevemente a perde-la. D. Sancho 2.º enectou de novo aquella conquista, e apossou-se de Mertola, Ayamonte e Cella, as quaes villas doou á ordem de

Sanctiago, em obsequio do commendador d'Alcacer. D. Paio Peres Corrêa, o qual brevemente tomou, por si e por seus cavalleiros, Tavira e Silves. Nomeado D. Paio mestre da ordem de Sanctiago, as coisas ficaram neste estado, até que morio D. Sancho, elrei D. Affonso determinou continuar a conquista; e indo sobre Faro a tomou, acabando assim, em pouco tempo, de sujeitar todo o Algarve.

Voltou então elrei a Coimbra a prover em algumas coisas que cumpriam ao bom governo do reino, e a preparar-se para de novo guerrear os Mouros na Andaluzia, o que poz por obra no anno seguinte, tomando alguns logares naquella provincia.

Morrera por este tempo D. Fernando, chamado o Sancto, rei de Leão e Castella, e succedera na coroa seu filho D. Affonso 10.º, a que deram depois o appellido de Sabio. Viu este que os Portuguezes se iam engrandecendo muito, apesar de enfraquecidos com a falta de muitos senhores e cavalleiros, que haviam seguido o bando de D. Sancho 2.º, e que ainda andavam foragidos por Hespanha. Confiado nisto moveu guerra a D. Affonso 3.º, tomando por pretexto, segundo parece, o pertencer-lhe a conquista do Algarve e da Andaluzia. Os Portuguezes foram mal succedidos nesta contenda, e viram-se obrigados a largar ao Castelhano o que tinham ganhado aos Mouros da Andaluzia, e a cederem as rendas do Algarve a D. Affonso 10.º, durante a sua vida somente, ficando o senhorio d'elle a elrei de Portugal. Foi também por esta occasião que se tractou o casamento de D. Beatriz com D. Affonso 3.º, de que anteriormente fallamos.

Deu-se então elrei á administração do reino, convocando côrtes em Leiria (1254), onde se fizeram varias leis geraes e municipaes. Fundou, além disso, muitas villas, e accrescentou outras, nomeadamente, entre as primeiras, Vianna e Odemira, e entre as segundas, Valedeça, Melgaço, e Beja, dando-lhes foraes, fortalecendo-as, e até povoando de novo algumas dellas.

Dahi a pouco se acabou de assentar de todo a paz entre Castella e Portugal, marcando-se as fronteiras deste paiz por onde parte com o reino de Leão, sobre o que recresciaam duvidas, e cedendo o Castelhano as rendas que recebia do Algarve ao infante D. Diniz, a troco de cincoenta cavalleiros com que o infante se obrigou a soccorre-lo em occasiões de guerra. Esta mesma obrigação foi remida no fim de algum tempo, em obsequio do socorro que D. Diniz levou a Castella quando os Mouros tinham posto em grande aperto elrei D. Affonso 10.º.

Depois de tantas prosperidades o reinado do conde de Bolonha acabou por dias tempestuosas. O clero, que o tinha elevado ao poder, fôra por elle recompensado com a restituição de todas as prerogativas de que havia sido privado; porém D. Affonso, vendo-se inteiramente seguro no throno portuguez, tractou de sacudir o jugo ecclesiastico, e seguir as pisadas de seu pai e de seu irmão. Deu-se disto o clero, como era de erer: — os bispos excommungam elrei; segue este ávante na sua empreza: vão aquelles a Roma queixar-se ao papa Gregorio 10.º, o qual reprehende asperamente elrei: titubea finalmente D. Affonso; e convocando côrtes em Santarem, nellas finge acceder ás principaes pretensões do clero; e assim se acalmam por algum tempo as publicas perturbações.

Pouco durou a paz. Elrei esqueceu-se de cumprir as promessas que a politica lhe extorquirá. Enfureceu-se então o successor do humilde e paciente S. Pedro, e fulminou uma bulla em que desligava os povos do juramento de fidelidade a elrei, se dentro em tres mezes não estivessem por quanto o clero delle pretendia. A morte do papa e de tres successores seus, não